

# ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E IMAGEM DE LGBT NA IMPRENSA PAULISTA

Iran Ferreira de Melo (UPE)  
iranmelo@hotmail.com

Se a crítica deve ser feita do ponto de vista da adequação empírica das propostas teóricas, deve também ser feita do ponto de vista da escolha dos conceitos, do recorte dos fenômenos, das estratégias argumentativas utilizadas. (BORGES NETO, 2004, p. 12)

## Começando o assunto

À revelia do paradigma formalista de estudos que perdurou hegemônico por tempos no seio da Linguística, investigações críticas da linguagem reconhecem que pesquisas sobre texto e discurso possuem um significativo lugar entre as ciências sociais, na medida em que podem atribuir caráter histórico, político e ideológico ao seu objeto de estudo (a linguagem) e natureza psicossocial aos atores sociais (sujeitos da linguagem) (MINAYO, 2009). Nessa seara, enquadrámos o trabalho de pesquisa que originou este artigo, cujo objetivo consiste em analisar a função do discurso na construção de representações sobre um coletivo de pessoas que secularmente está à margem da história oficial, sendo desvalido de elementares direitos sociais e humanos em todo o mundo: mulheres e homens homossexuais – lésbicas e gays – e bissexuais, bem como pessoas transgêneras – travestis, transexuais e intersexuais – (LGBT). Desenvolvemos neste estudo a análise da representação de tais atores, realizada em notícias do jornal *Folha de S. Paulo*, publicadas de 1997 a 2012 e que tematizam uma atividade de militância social organizada por esses indivíduos, a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo.

As edições desse evento têm promovido contínuas ações coletivas públicas a favor da igualdade de direitos civis, assim como têm servido de instrumento de contestação do estado de exclusão estabelecido tradicionalmente sobre o modo de vida de LGBT em nosso país. Sua realização vem causando forte impacto social em virtude da grande adesão que recebe, o que o torna, por isso, cada vez mais, alvo da sistemática cobertura dos meios de comunicação de massa e, assim, um urgente objeto de análise crítica do enredamento de discursos, na imprensa do Brasil, sobre essa prática ativista, bem como um valioso objeto de investigação acerca da conjuntura do ativismo social empreendido por LGBT.

Assim, numa sociedade marcadamente sexista, falocêntrica e homofóbica como a nossa, o estudo que aqui apresentamos sobre a representação de LGBT na Parada de São Paulo pode revelar variadas estratégias ideológicas que se materializam linguístico-discursivamente em textos jornalísticos – em especial na notícia – para engendrar a construção da imagem (reproduzindo ou transformando o discurso hegemônico) desses atores sociais (MELO, 2010). Por isso, este trabalho buscou acercamento teórico em modelos críticos de análise social e discursiva que envolvem o exame do texto e de componentes lexicogramaticais para entender o discurso noticioso da Folha como uma chave que mimetiza a representação de LGBT em escala nacional.

Diante disso e a fim de possibilitar um trabalho de análise tanto dos textos que serviram de objeto desta investigação quanto das maneiras que as relações de poder e exclusão social operam sobre eles, enquadrámos nossa proposta de estudo nos modelos

da pesquisa qualitativa e documental, cujo delineamento envolve, segundo Denzin & Lincoln (2006), três conjuntos interligados de decisões, relacionadas à ontologia, *epistemologia* e metodologia. Elas caracterizam o esquema interpretativo da pesquisa, de modo que as consideramos produtivas para nos orientar quanto à abordagem do objeto a partir de “um conjunto de ideias, um esquema (teoria, ontologia) que especifica uma série de questões (epistemologia) [...] em aspectos específicos (metodologia, análise)” (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 32-33). A seguir, apresentamos essas decisões, no intuito de apontar objetivamente os traços constituintes de nosso empreendimento científico.

## **1. Decisões de caráter ontológico – conhecendo o objeto de estudo**

Em nossa pesquisa, selecionamos como objeto de estudo a representação de LGBT durante participação nas edições da Parada do Orgulho de São Paulo, ocorridas de 1997 a 2012. Para isso, escolhemos, como objeto de análise textual-discursiva, notícias do jornal *Folha de S. Paulo* e, como categorias de análise linguística, constituintes lexicogramaticais funcionalmente produtivos na construção de representações, instanciados por grupos nominais. Isso posto, para proceder a alguns desses recortes de pesquisa, fomos motivados pelas razões que listaremos adiante.

A representação de atores sociais em ativismo LGBT vem, nos últimos anos, exercendo forte influência na transformação de paradigmas sociopolíticos, a exemplo de significativas mudanças nas legislações que outrora excluía de seus direitos sociais os sujeitos desse pleito. O tipo de ativismo LGBT representado que delimitamos foram as paradas de ativismo LGBT (chamadas em algumas cidades de paradas do orgulho LGBT e em outras de paradas da diversidade sexual). Trata-se de intervenções públicas em forma de passeata que se enquadram no projeto das ações coletivas lúdicas propostas por organizações do ativismo LGBT. Elas constituem “expressões concentradas da arrebatadora visibilidade que o próprio mundo LGBT tem alcançado [e] vêm coroar a formação de uma fulgurante cena [LGBT] nas grandes cidades brasileiras” (SIMÕES & FACCHINI, 2008, p. 18), servindo fundamentalmente para discutir reivindicações postas em agenda por esses atores, como a criminalização da homofobia e a legalização de direitos sociais historicamente negados a LGBT no Brasil, por exemplo, a união civil entre pessoas do mesmo sexo; o uso, por travestis e transexuais, do nome social em situações institucionais; e a adoção de crianças por famílias homoparentais. Essa modalidade ativista objetiva também dar visibilidade à diversidade cultural dos modos de vida e da sociabilidade LGBT, que, por motivações eminentemente morais e políticas, é silenciada na nossa sociedade. Consequentemente, ela também reflete a crescente importância do mercado na promoção e difusão de imagens, estilos corporais, hábitos e atitudes associados às várias expressões de LGBT.

Anualmente, no Brasil, acontecem cerca de 133 eventos desse tipo distribuídos em todas as regiões. A edição da cidade de São Paulo (hoje denominada Parada do Orgulho LGBT) tem recebido extrema notoriedade na mídia brasileira, que dedica, na maioria das vezes, primeira página ao assunto, não apenas porque se situa no município mais populoso e de maior concentração de renda do país, mas também porque, dentre todas as paradas LGBT que ocorrem no mundo, atualmente é aquela que congrega o maior número de pessoas. Diante disso, a parada paulistana se mostra como a versão mais representativa para a análise do modo como o ativismo LGBT é apresentado na imprensa brasileira e para a investigação de como seus atores são representados no mesmo domínio.

Nesse sentido, optamos por investigar a ordem de discurso jornalístico no meio de comunicação impresso, reconhecendo seu potencial, diante dessa prática contestatória de LGBT, como difusora de informações e formadora de opinião, capaz de aparelhar os fatos noticiosos e torná-los úteis para a construção da consciência e do ideário popular, produzindo sobre eles imagens mentais de forte influência no comportamento da população em geral. Em outras palavras, a esfera de produção discursiva jornalística tem o poder de manobrar, sem que nos demos conta, os efeitos de sentido no processo de representação dos vários atores sociais que visibiliza e, por isso, caracteriza-se como de capital importância em nossa pesquisa.

Escolhemos como veículo de comunicação para situar nossa análise o jornal impresso *Folha de S. Paulo*, visto que, nas últimas duas décadas, desponta como o periódico diário pago de maior circulação em território nacional. Seus textos são frequentemente agenciados para edições de outros jornais, indicando que possui grande inserção no mercado jornalístico e na visibilidade dos fatos noticiosos pautados pela imprensa no Brasil. Diante disso, para nossos objetivos, esse jornal se enquadra inequivocamente como um produtivo meio de circulação dos dados que pretendemos analisar, visto que, através de seu grau de circulação na sociedade brasileira, pode mimetizar a realidade de acesso da população ao jornalismo impresso em nosso país e garantir a representatividade de nosso *corpus*.

Como gênero discursivo para análise, delimitamos a notícia, que, dentre os textos produzidos na ordem do discurso jornalístico, caracteriza-se como a forma mais comum de socializar as ações coletivas políticas de grupos minoritários. Por isso, ainda que, em nosso estudo, não tenhamos feito um sistemático exame desse gênero em sua constituição estrutural e interacional, importa afirmar que ele figura como a atividade textual-discursiva mais rentável para o exame de nosso objeto social, pois é principalmente através dele que a imprensa materializa, em discurso verbal escrito, a visibilidade de LGBT e suas ações em espaços públicos.

O recorte diacrônico para a análise de nossos dados consiste na delimitação das datas em que as notícias foram publicadas. Optamos por analisar textos noticiados no dia de realização da Parada – momento em que o jornal apresenta informações sobre o que está planejado para acontecer, tema do ano, horário, local, trajeto etc. – e *suitados*<sup>1</sup> no dia posterior – circunstância na qual se reporta como aconteceu a mobilização, se o planejado foi realizado, qual foi a receptividade do público, quem participou etc. Coletamos essas notícias em todos os anos de ocorrência da Parada de São Paulo, correspondentes ao período de 1997 a 2012, constituindo um *corpus* de 29 textos.

A escolha desses dois dias se deu porque, tanto no dia em que ocorre a Parada quanto na data seguinte, os textos da Folha sobre esse evento (e, portanto, sobre a expressão mais visível do ativismo LGBT) têm características distintas das demais notícias acerca da parada paulistana ou sobre outras práticas ativistas LGBT que ocorrem durante o ano, por exemplo: recebem destaque, sendo pautados para capa e ganhando o espaço de uma ou até duas páginas; são mais extensos; adquirem um alto nível de detalhamento e multimodalidade na apresentação dos fatos; e são tipificados em vários gêneros textuais que dividem a mesma página. Sendo assim, podemos conferir a esses dias a maior visibilidade do ativismo LGBT em escala nacional inserida

---

<sup>1</sup> “Suíte” significa, no contexto jornalístico, a continuidade, no dia seguinte ou em dias posteriores, da cobertura de um fato já publicado (FOLHA DE S. PAULO, 2007). *Suitar*, portanto, é um jargão que corresponde a abordar de novo um tema apresentado numa dada edição do jornal. Esse procedimento é comum em coberturas de eventos públicos planejados, por isso sua omissão pode apontar para uma postura marcada do jornal e, com isso, gerar diferentes graus de visibilidade do evento.

num jornal impresso, podendo ser percebida até por leitores/as que não conhecem esse tipo de evento.

Conexamente a essas decisões ontológicas e delimitações do objeto, selecionamos um instrumental epistemológico que servirá de material teórico-analítico para categorizar, descrever e interpretar os nossos dados. No tópico seguinte, apresentaremos esse instrumental, com o objetivo de fornecer as razões de sua escolha no contexto da proposta de nossa pesquisa.

## **2. Decisões de caráter epistemológico – sobre as ferramentas teóricas usadas**

As decisões de caráter epistemológico correspondem à mobilização de conhecimentos necessários para gerar novos conhecimentos sobre os componentes ontológicos selecionados na pesquisa. Nesse sentido, articulamos um grupo de teorias que possibilitam pensar sobre como ocorre a representação do mundo social e, em especial, dos atores sociais em atividades públicas. Trata-se dos postulados teóricos concebidos pelo paradigma de investigação linguística e social denominado Análise Crítica do Discurso (ACD), cujo escopo de estudo ocupa-se, *lato sensu*, dos efeitos ideológicos que sentidos de textos, como instâncias de discurso, podem ter sobre as práticas sociais, isto é, sobre as formas de indivíduos agirem no mundo e interagirem com o mundo, representarem aspectos do mundo e de si mesmos e construírem identidades sobre si e sobre outrem (FAIRCLOUGH, 2012). Esse paradigma serve, por isso, como um produtivo recurso para a análise de como os sentidos atuam a serviço de projetos particulares de dominação e exploração, seja contribuindo para sustentar ou modificar conhecimentos, crenças, atitudes ou valores (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; MELO, 2012).

A ACD compreende que a representação por meio da linguagem significa uma forma de práxis sobre a realidade, e não, apenas, um modo de refleti-la (FAIRCLOUGH, 2001; MELO, 2009). O processo de representação da realidade, segundo essa perspectiva de estudo, é visto como uma atividade que se constrói no próprio processo discursivo (na interação entre os/as usuários/as da língua), ou seja, faz referência à realidade ao mesmo tempo em que a constitui (FAIRCLOUGH, 2003). Assim, para a ACD, o mundo não nos é dado, mas o formulamos num fluxo de nossas interações sociais, que formam, através de práticas discursivas, versões da realidade que se realizam na linguagem, e não a partir dela. Por conta disso, essa abordagem teórica da Linguística contemporânea funciona como um caro instrumental de investigação do discurso para entender as muitas desigualdades sociais materializadas em práticas de discriminação social, preconceito, abuso de poder e violência simbólica (FAIRCLOUGH & WODAK, 1997).

À ACD também interessa o papel do discurso na mudança social e nos modos de organização da sociedade em torno de objetivos emancipatórios, o que a insere num paradigma interpretativo crítico da realidade, pelo qual busca oferecer suporte científico para estudos sobre o papel do discurso na instauração/manutenção/superação de problemas sociais (TITSCHER et al, 2000; MAGALHÃES, 2010). Isso notadamente caracteriza essa perspectiva como uma perfeita escolha epistemológica para o exame da representação de LGBT em jornais, haja vista serem esses atores, protagonistas de intervenções sociais que tradicionalmente desestabilizam os valores hegemônicos, à custa da histórica repressão que sofrem e da sua exclusão a direitos sociais elementares.

No interior dessa abordagem epistemológica sobre a linguagem, seguimos o modelo teórico-metodológico do linguista britânico Norman Fairclough (2003), que, em nosso trabalho, orientou a seleção da categoria de análise. Segundo ele, a linguagem se

realiza de três maneiras nas práticas sociais, quais sejam, como modo de agir, através dos Gêneros discursivos, como modo de representar, por meio de Discursos particulares, e como modo de ser, caracterizando os diferentes Estilos semióticos. Para a nossa pesquisa, focamos nas propriedades do modo de representar, a fim de perceber o seu potencial na construção de sentido sobre minorias sociais, em especial na produção de efeitos de sentido sobre LGBT e suas ações.

Desse modo, estabelecemos diálogo com a teoria de outro eminente protagonista da ACD: Theo van Leeuwen (2008), para quem existem inúmeros mecanismos de representação de atores sociais que recebem variadas formas nas gramáticas das línguas. Em seus estudos, van Leeuwen (2008) evidenciou alguns desses mecanismos e constituiu um inventário sociossemântico sobre eles através da análise de distintos grupos nominais. Esse autor divide tais mecanismos entre aqueles que servem para excluir (suprimir ou encobrir) os sujeitos em situações representadas nos textos e os que funcionam para incluí-los, sendo estes realizados por muitas categorias gramaticais previstas pelas línguas.

Segundo esse linguista, tais mecanismos de exclusão e inclusão discursiva configuram também práticas de exclusão e inclusão social, isto é, funcionam como verdadeiros recursos de linguagem, cujos efeitos de representação promovem acesso, interdição, ativação, passivação, entre outros impactos e, portanto, revelam-se, para nós, como eficazes estratégias na construção das imagens sociais – especialmente pela mídia – de atores envolvidos nas ações do ativismo LGBT, notadamente nas paradas. Elaboradas pelos referidos linguistas, essas ferramentas e categorias teóricas para análise foram escolhidas em nosso trabalho porque são fruto de um posicionamento crítico e político em prol de todas as minorias sociais, ao oferecerem a oportunidade de elas se expressarem através de pesquisas acadêmicas, problematizando as situações de iniquidade que essas minorias enfrentam e refletindo sobre as condições para que consigam mudá-las (PENNYCOOK, 1998), assim como estão comprometidas com o diálogo entre o debate teórico e as lutas de movimentos e organizações sociais e políticas, “que apostam não apenas na emancipação política, mas, sobretudo, na emancipação humana e social. Vale dizer, comprometidas com a práxis transformadora ou revolucionária das relações sociais” (SOUSA SANTOS, 2009, p. 07).

Em virtude disso, para desenvolver uma adequada articulação entre os elementos ontológicos e os fatores epistemológicos que embasam nossa pesquisa e com a finalidade de operacionalizar a análise de discurso que aqui defendemos – como prática de análise social –, selecionamos um meticuloso método de investigação, que inclui desde o levantamento do problema e sua caracterização, passando pela análise linguística *as such* até a reflexão auto-avaliativa da pesquisa. A seguir, apresentaremos esse processo metodológico, justificando a pertinência de cada etapa para o modelo de pesquisa que adotamos.

### **3. Decisões de caráter metodológico – caminhos e operações seguidos**

O caminho metodológico que seguimos para ancorar o enquadre epistêmico da ACD à análise do nosso objeto de pesquisa é inspirado no enfoque metodológico para a pesquisa social sobre discurso, proposto por Norman Fairclough (2003). Segundo esse enfoque, num estudo textualmente orientado sobre o discurso como representação – interessado em ter acesso a efeitos ideológicos de textos – é preciso relacionar a microanálise dos elementos linguísticos, típica das investigações na Linguística, à macroanálise das relações de poder por meio de redes de práticas e estruturas, isto é,

articular a análise de componentes linguísticos à explanação do contexto social em que esses componentes estão inseridos.

Para isso, Fairclough (2003) elege um percurso de pesquisa que não se coaduna com o objetivo de entender como se realizam os sistemas linguísticos (tradicional posição da Linguística), mas que tem o propósito de compreender como esses sistemas servem ao funcionamento social que engendra práticas de distribuição desigual de poder e, conseqüentemente, exploração, injustiça social e violência. Nesse sentido, esse percurso idealizado por tal autor corresponde a uma abordagem de análise que trata essencialmente de problemas sociais agudos de nosso tempo, isto é, ocupa-se de objetos de estudo que consistem em obstáculos para uma vida social democrática, justa e equânime. No entanto, não o faz analisando suas manifestações ao modo da Sociologia, Antropologia, História e outras ciências das Humanidades, mas a partir da análise de sua manifestação semiótica (descrição e interpretação de traços linguístico-discursivos e/ou multimodais).

Tal caminho metodológico busca, em cinco momentos, dar conta de estágios ora orientados à análise da conjuntura em que o discurso a ser analisado está incluído, ora à análise do discurso propriamente dito. Somado a isso, não se contenta apenas em fornecer dados explorados sobre a realidade investigada e, ao final da análise, possibilita que o/a pesquisador/a pense sobre possíveis maneiras de superar o problema analisado a partir do que constatou com sua análise, como também que avalie sua trajetória durante a pesquisa, a fim de refletir sobre a eficácia do que executou. Esse caminho metodológico é sumarizado no quadro abaixo, adaptado da proposta original feita por Chouliaraki & Fairclough (1999) e desenvolvida por Fairclough (2003).

1. Selecionar um problema social
2. Identificar os obstáculos para que esse problema seja resolvido, produzindo: 2.1 Observação da rede de práticas sociais em que o problema está inserido 2.2 Observação da prática particular em que o problema está inserido 2.3 Análise da ordem do discurso da rede de práticas em que o problema está inserido 2.4 Análise linguística da prática particular em que o problema está inserido, executando: 2.4.1 Descrição de dados linguísticos e (con)textuais 2.4.2 Interpretação dos efeitos de sentido dos dados linguísticos na rede de práticas em que o problema está inserido
3. Identificar maneiras possíveis para superar os obstáculos causados pelo problema
4. Refletir criticamente sobre a pesquisa

Quadro 1 – Estágios metodológicos (adapt. CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 60)

Para a etapa 1, em nossa pesquisa, consideramos como problema social a ser investigado as atividades de representação do ativismo LGBT. Nossa escolha não foi fortuita, mas sensibilizada pelos alarmantes dados históricos de discriminação e preconceito que esse segmento populacional sofre. Após a seleção do problema, a etapa 2, aborda seu diagnóstico de uma maneira indireta, ao questionar quais são os obstáculos para que ele seja resolvido. Esse diagnóstico aponta inicialmente para a identificação da rede de práticas sociais (conjuntura) em que se insere o problema que

escolhemos (2.1). Para desenvolver essa etapa, precisamos sair um pouco do foco de estudo sobre a linguagem em si e usamos fontes acadêmicas e não-acadêmicas (como PARKER, 2002; ARAÚJO, 2009; ABGLT, 2012), com o intuito de entendermos o contexto social em que se encontra nosso problema. Fizemos, portanto, um levantamento dos aspectos históricos, culturais e sociais do modo de vida de LGBT, da maneira como esses sujeitos foram tratados no decorrer da história das civilizações ocidentais e da forma como reagiram à opressão a que foram submetidos.

Expomos um pouco a história que o Ocidente repetiu, durante séculos, sobre a orientação para o amor e o erotismo entre pessoas do mesmo sexo (orientação afetivo-sexual) e sobre as diversas expressões da identidade de gênero. Com isso, buscamos apresentá-las como práticas sempre condicionadas por padrões morais mais ou menos arbitrários e, em geral, suportados por determinações de caráter religioso, por argumentos médicos ou prescrições policiais, sendo representadas, diversas vezes, como pecado, doença e crime (MOTT, 2006). Além disso, examinamos o trajeto percorrido pelo ativismo social que envolve as relações homo-afetivo-sexuais e seus escopos no Brasil, desde sua emergência, no fim da década de 1970, até seus desdobramentos expressos no que se denomina hoje movimento LGBT. Inicialmente pesquisamos a “movimentação” desses sujeitos no período que antecedeu o advento do ativismo politizado em si e, após isso, procuramos entender as várias fases pelas quais passou esse movimento, designando-as como ondas, de acordo com a forma de nomeação dada por pesquisadores/as como o historiador James Green (2000) e a antropóloga Regina Facchini (2005).

Após esse mapeamento, os passos seguintes consideram a maneira pela qual o problema relaciona-se com uma prática particular específica da rede de práticas (2.2), bem como investigam as características de uma ordem de discurso dessa prática particular (2.3). Desse modo, abordamos, respectivamente para cada uma dessas etapas: o jornalismo impresso como uma prática específica na qual podemos analisar o problema e o gênero discursivo notícia no jornal *Folha de S. Paulo* como a ordem do discurso que selecionamos desse tipo de jornalismo. Para tanto, caracterizamos os traços estruturais do discurso jornalístico, e especificamente da notícia, a fim de entender como eles auxiliam no processo de representação discursiva de LGBT.

Nessas etapas, usamos como passaporte teórico algumas reflexões epistemológicas de estudos da Comunicação em geral e dos estudos de Teun van Dijk (1996a, 1996b) sobre notícias jornalísticas em particular. Além disso, pesquisamos um pouco a história da imprensa paulista, com foco na *Folha de S. Paulo*, para termos subsídios de caráter sociopolítico na compreensão da conjuntura histórica desse jornal como fonte geradora da construção do seu discurso e conseqüentemente da ideologia que esse periódico busca perpetuar por meio do jornalismo que produz. Assim, pudemos descrever a forma como esse jornal vem configurando as notícias sobre LGBT ao observarmos determinadas variáveis de publicação, tais como, os anos e as datas em que o jornal publicou notícias sobre a Parada, o caderno escolhido pelo jornal para reportar o evento, a estrutura genérica das notícias, entre outras.

Consideramos essa descrição da ordem discursiva como uma espécie de prolegômeno à análise dos componentes textuais que fizemos em seguida. Ela ajudou a associar os componentes de uma descrição da notícia, qual propôs van Dijk (1996a), ao olhar sobre o problema social noticiado, sem desconsiderar a formação histórica do jornal que produziu e publicou o noticiário. Em função disso, não é possível ainda falar, nessa etapa, de um exame da representação dos atores, como objetivamos, mas podemos perceber, nesse momento da pesquisa, que alguns dados nos indicam o quanto fica visível a Parada como fato noticioso do jornal. Em outras palavras, conseguimos, nesse

momento, verificar se a Parada recebe destaque e notoriedade nas edições da Folha que noticiam sua realização, o que nos aponta uma análise da visibilidade que jornal fornece a tal acontecimento.

O último estágio desse diagnóstico compreende a análise linguística (2.4) por meio do exame de categorias analíticas como os traços de composição textual que englobam os vários itens lexicais presentes em grupos nominais que são capazes de representar os atores sociais envolvidos no ativismo LGBT (VAN LEEUWEN, 2008). Para a execução dessa etapa, identificamos tais categorias através de dois momentos adaptados da proposta de Fairclough (2003): a descrição (2.4.1) e a interpretação (2.4.2). O primeiro corresponde à atividade de caráter classificatório que permite identificar, contabilizar e categorizar itens linguísticos a partir de uma teoria-base sobre eles. O segundo consiste num exercício de atribuição de sentido aos resultados constatados na descrição, tomando por base os dados da conjuntura do objeto de estudo, verificados na etapa 2.1, e as características da ordem do discurso mapeada nas etapas 2.2 e 2.3. Nisso consiste a chave metodológica de análise social por meio do discurso proposta no arcabouço de Norman Fairclough (2003), cuja realização assenta no diálogo, como já apontamos, entre o estudo de traços estritamente linguísticos (aqueles revelados pela descrição), isto é, do texto/discurso, e o exame de constituintes da prática social (rede de práticas e ordem do discurso) em que esses traços se realizam. Essa etapa compõe a análise da representação dos atores, núcleo de toda a pesquisa.

Em nosso estudo, operamos com a descrição dos dados como parte de um trabalho associado à contextualização histórica dos momentos em que foram publicadas cada notícia e à análise de visibilidade que já citamos. No processo de descrição linguística em si; identificamos os atores incluídos e excluídos nas notícias; classificamos os mecanismos de inclusão e exclusão e verificamos (sob um cálculo estatístico mínimo) as ocorrências desses mecanismos. Já na atividade de interpretação, interpretamos dos mecanismos nominais evidenciados para representar LGBT e outros atores, através do qual tecemos comentários sobre as implicações de sentido que as categorias gramaticais nominais da prática discursiva de representação particular da Folha possuem sobre a conjuntura do movimento LGBT.

O estágio 3 é dedicado a uma discussão sobre os resultados das fases antecedentes. Para isso, essa etapa ocorreu no final da nossa pesquisa, onde são estabelecidos diálogos com teorias acerca da condição do ativismo social no Brasil e no mundo (SIMÕES & FACCHINI, 2008), do lugar que a imprensa ocupa nesse contexto (VAN DIJK, 1996b) e do papel do linguista para o fortalecimento de questões que capacitam todos/as na luta contra a discriminação e a exclusão social, assim como para a contribuição com recursos de ordem simbólica que os indivíduos podem lançar mão para resolver e superar seus problemas (RAJAGOPALAN, 2004). Por fim, o último estágio (4) é um momento no qual a análise se torna reflexiva, questionando, por exemplo, sua eficácia como apreciação crítica: avaliando se ela contribui ou pode contribuir para a emancipação social e se ela se ajusta a práticas acadêmicas, que, nos dias atuais, estão fortemente ligadas ao mercado. Em nosso estudo, esse trecho corresponde ao momento em que discutimos a validade social de nossa pesquisa e analisamos o alcance de reflexividade que ela pode oferecer àqueles que tiverem contato com os resultados que constatamos a partir de nossa análise.

A seguir, mostraremos um recorte de nossos resultados, aquele referente ao estudo da frequência de atores representados. Em função do restrito espaço aqui, apontaremos esse resultado parcial. O trabalho completo e todos os resultados podem ser conferidos em Melo (2013).

#### 4. Conclusões a partir de alguns resultados

Constatamos em nossos dados a presença representativa de diferentes atores sociais. O total de registros, segundo nossos cálculos, corresponde a 1.232 casos. Destes há uma grande diversidade de tipos de representação.

Aquele que denominamos “LGBT” consiste no conjunto de ocorrências que representa de forma individualizada ou coletivizada os atores que se reconhecem por essa sigla ou aqueles que a Folha denomina como tais, seja através de lexias simples (“homossexuais”, “gays”, “lésbicas”, “travestis”) ou compostas (“cinco grupos de homossexuais”, “casais homossexuais”, “grupos gays”, “3.500 homossexuais”). Essa categoria corresponde ao maior número de atores incluídos nos textos: 293 representações. Semelhantemente, encontramos nos dados uma série de formas representacionais que se referem a LGBT de modo assimilador e, às vezes, impreciso (“manifestantes”, “caminhada”, “frequentadores do chamado Baixo Gay”, “parada gay”). A esses atores chamamos, em nossa categorização, de “LGBT (genérico)”. Isso significa que, quando um ator LGBT é representado, por exemplo, como “comunidade” (“Evento espera reunir 14 mil pessoas para estender a bandeira do arco-íris e estimular o orgulho junto à comunidade” [FSP-27/06/00]) não está se falando apenas de um grupo específico de atores, que podemos chamar de “comunidade LGBT”, mas desse grupo e de todos outros microgrupos que o compõem, sendo, portanto, uma representação que, às vezes, pode englobar LGBT, simpatizantes, mercado LGBT, ONGs de direitos humanos e outros, de uma só vez. Essa classificação foi registrada 151 vezes em nosso corpus e, juntamente a “LGBT”, totaliza 444 atores incluídos.

Além dessas representações, constatamos ainda outras formas de indicar determinados grupos e atores que, não necessariamente, possuíam a identidade de LGBT, quais sejam, aqueles que o jornal define como participantes do evento. O conjunto de representações desses atores denominamos “Participantes da Parada” e seu número de ocorrências compreende 291 registros. Somado a isso, “Simpatizante” foi outra forma que encontramos para classificar um grupo presente na representação dos atores das notícias que analisamos, a saber: pessoas que o jornal chama de “segmento S da sigla GLS”, “personalidades relacionadas à causa gay” e outras maneiras para se referir a quem as notícias deixam subentender que não possui a identidade LGBT, mas apoia o movimento. Essa categoria correspondeu a um total de 102 representações, que, junto à categoria “Participantes da Parada”, somam 393 casos de atores incluídos.

Esses quatro conjuntos totalizam 837 inclusões de atores representados como LGBT e pessoas que agregam positivamente ao movimento e à Parada, apoiando, elogiando, organizando, acompanhando e indicando o evento. Isso significa 67% de todos os atores apresentados por inclusão nas notícias.

Quanto à categoria que denominamos “Artistas”, englobamos a representação de pessoas, grupos e atores que foram citados a partir de suas identidades profissionais de cantores/as (“Edson Cordeiro”, “Marina Lima”), atores e atrizes (“Pedro Paulo Rangel”, “Vera Holtz”), dançarinos/as (“go-go boys”), pessoas envolvidas no *mise en scène* da tv (“Adriane Galisteu”, “Luciana Gimenez”) etc., sendo muitos/as convidados/as pela organização da Parada para participarem do evento. O total dessas representações foi de 85 registros, um pouco acima da quantidade de “Representantes políticos”, forma como designamos o conjunto de atores representado por pessoas que assumem funções de lideranças políticas de Estado, partidos políticos e organizações sindicais. Esses atores aparecem 76 vezes nas nossas notícias e alguns exemplos de ocorrências são: “Deputada Marta Suplicy (PT-SP)”, “fala do presidente Clinton” e “todos candidatos à prefeitura de São Paulo”.

A Polícia Militar do Estado de São Paulo e alguns grupos de Seguranças Particulares configuraram representações também citadas nos dados, em virtude da função, que, segundo o jornal, exerceram no evento, a saber, contagem de público e segurança pública. Como entendemos que tanto essa polícia quanto os seguranças representaram tais atores que desempenhavam esses papéis, resolvemos agrupá-los numa única categoria, chamada “Polícia”, que se apresentou 56 vezes em nossos dados. Igualmente a esses atores, outras duas entidades estatais foram referidas. Trata-se do conjunto de profissionais que compõem a Companhia de Engenharia de Tráfego de São Paulo (CET) e a São Paulo Turismo (SPTuris), empresa estatal de turismo e eventos da cidade de São Paulo. Ambas são respectivamente representadas a partir de atuações no trânsito e no fluxo turístico da região. Suas representações juntas somam 12 registros, que unidos aos 56 da “Polícia”, chegam a 68 casos de referência a servidores do Estado em atividade profissional na Parada.

Constatamos ainda a presença do mercado segmentado LGBT, referido quase sempre por atores que representam as casas noturnas “GLS” da cidade de São Paulo. Como não poderia ser diferente, essa representação se faz previsível nas notícias sobre a Parada, uma vez que muito da história desse evento foi construído com forte apoio e financiamento do gueto comercial LGBT paulistano. Além disso, registramos a representação de atores que fortuitamente atuam com negócios dirigidos a LGBT (os internacionalmente conhecidos negócios “friendly”), como o exemplo da proprietária de uma banca de revista na avenida Paulista, que, na semana da Parada, organiza um estoque especial de periódicos dirigidos a esse público. Foram 39 casos de representação nessa categoria.

Já as representações de ONGs e grupos LGBT, constatamos lexicalizações por meio de nomes e siglas de entidades, como movimentos sociais, coletivos ativistas e setoriais de LGBT em partidos políticos. Nessa categorização, incluímos ainda igrejas lideradas por homossexuais e que fazem referência positiva a LGBT, chegando, inclusive, a participar de ações em prol desse grupo de atores. Somadas a essas entidades, percebemos também referências a ONGs em geral, que não se enquadram no rol de grupos LGBT, mas que apoiam as causas desse coletivo. Também categorizamos esse grupo e alguns exemplos são “Ação da Cidadania” e “Associação Paulista Viva”. Essas duas categorias de ONGs juntas equivalem a 56 casos.

Encontramos ainda algumas representações que não se enquadraram semanticamente em nenhum outro grupo e têm uma baixa frequência (até 10 ocorrências). Por conta disso, entre muitos casos, encaixamos, na categoria “Outros”, registros como a representação: (1) de atores que entram na argumentação da notícia quando é citada a intervenção de pessoas, que, de algum modo, interagem com LGBT, ora mencionadas no discurso de entrevistados/as, ora comentadas pela locução da notícia para indicar personagens da cidade que são típicas em textos do caderno Cotidiano, como “motoristas”, “torcedores do Corinthians” e “idosos”; (2) do próprio Grupo Folha, que também esteve presente nas notícias de nosso *corpus* através, por exemplo, da forma reduzida informal com a qual se refere ao jornal *Folha de S. Paulo* (“Folha”) no momento em que menciona alguma atividade de captação de informações para reportar o fato, como em “O cantor Tiririca foi procurado pela Folha e não foi encontrado” (FSP-28/06/97) ou quando trata do Datafolha (“Parada Gay reúne 270 mil pessoas, afirma *Datafolha*” [FSP-11/06/12]); (3) do público-leitor, quando o jornal se dirige a ele, sugerindo que faça algo (“Celebre [você] os ‘gay 90’s’ na avenida Paulista” [FSP-27/06/99]); (4) de atores representados como declaradamente homofóbicos e, portanto, opositores à Parada, por exemplo na citação do coordenador da Parada, que, em 1999, sofreu ameaças por telefone: “eles diziam que quanto mais veado melhor, pois

[eles] iam matar todos de uma vez” (FSP-28/06/99). Todos os registros dessa macro categoria somam 71 inclusões.

Diante dessa quantidade de atores incluídos, podemos perceber que as representações relativas a LGBT, no jornal que analisamos, recebem maior destaque, por conta da frequência de lexicalizações desses indivíduos, que é muito superior às demais.

## Referências

ABGLT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. *Carta de Princípios da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis*. 1995. Disponível em < <http://www.abgl.org.br/port/cartaprinc.php> >. Acesso em: 17 out. 2012.

ARAÚJO, José Prata. *Guia dos direitos sociais*. A igualdade social e as diferenças entre a esquerda e os neoliberais. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.

BORGES NETO, José. *Ensaio de Filosofia da Linguística*. São Paulo: Parábola, 2004.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*. Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. *disciplina e a pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?* Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução Maria Izabel Magalhães (Org.). Brasília: UNB, 2001.

\_\_\_\_\_. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. Tradução Iran Melo. *Revista Linha D'água*. v. 25. n. 02. São Paulo. p. 307-329, 2012

\_\_\_\_\_; WODAK, R. Critical discourse analysis. In: VAN DIJK, T. A. (Org.) *Discourse studies*. A Multidisciplinary introduction. v. 2. Londres: Sage, 1997. p. 258-284.

FOLHA DE S. PAULO. *Manual da redação da folha de S. Paulo*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2007.

GREEN, James. “Mais amor e mais tesão”. A construção de um movimento de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 20, p. 271-295, 2000.

MAGALHÃES, Izabel. Análise de discurso crítica: questões e perspectivas para a América Latina, In: RESENDE, V.; PEREIRA, F. H. *Práticas socioculturais e discurso*. Debates transdisciplinares. (Orgs.) LabCom Books, 2010. p. 09-28

MELO, Iran. Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: Desdobramento e intersecções. *Letra Magna*, n. 11, 2009.

\_\_\_\_\_. *Análise Crítica do Discurso*. Um estudo da representação de LGBT em jornais de Pernambuco. Recife: EDUFPE, 2010.

\_\_\_\_\_. *Ativismo LGBT na imprensa brasileira: análise da representação de atores sociais na Folha de S. Paulo*. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MINAYO, Cecília. O desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_.; DESLANDES, S F; GOMES, R. (Orgs.) *Pesquisa social*. Teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p 09-30.

MOTT, Luiz. Homo-afetividades e direitos humanos. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(2), mai./ago, p. 509-521, 2006.

PARKER, Richard. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PENNYCOOK, A. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.) *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade*. Questões e perspectivas. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica*. Linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2004.

SIMÕES, Júlio; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris*. Do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2009.

TITSCHER, S. et al *Methods of Text and Discourse Analysis*. Londres: Sage, 2000.

VAN DIJK, Teun. Discourse, power and access. In: Caldas-Coulthard, Carmen; Coulthard, Malcolm. (Orgs.) *Texts and Practices: readings in critical discourse analysis*. London; New York: Routledge, 1996a. p. 84-104

\_\_\_\_\_. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1996b.

VAN LEEUWEN, Theo. Representing social actors. In: \_\_\_\_\_. *Discourse and practice*. New tools for Critical Discourse Analysis. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008. p. 23-54.